

**“O espectro de uma sociedade livre”.
Considerações sobre o comunismo ácido de Mark Fisher¹**

*“El fantasma de una sociedad libre”.
Consideraciones sobre el comunismo ácido de Mark Fisher*

*“The spectre of a free society”.
Some considerations on Mark Fisher’s acid communism*

Fabrizio Lopes da Silveira

Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos, RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. É autor, dentre outros, de *Mecanofera / Monoambiente* (Porto Alegre: Ed. Zouk, 2020).

RESUMO:

Tentamos formular aqui: 1) uma porta de entrada ao pensamento do filósofo e crítico cultural inglês Mark Fisher – uma síntese abrangente de suas reflexões e seus interesses (do ponto de vista teórico, temático e metodológico); 2) um resgate de seus mais importantes escritos políticos, desde (e para além de) *Realismo Capitalista*, o livro que o tornou conhecido, publicado em 2009 e editado no Brasil em 2020. Mais do que tudo, no entanto, tentaremos apresentar 3) uma reconstrução tão aproximada quanto possível da noção mesma de “comunismo ácido”, que restou apenas esboçada, como a parte talvez mais importante de um projeto inacabado.

PALAVRAS-CHAVE: Mark Fisher; comunismo ácido; realismo capitalista.

RESUMEN:

Tratamos de formular aquí: 1) una puerta de entrada al pensamiento del filósofo y crítico cultural inglés Mark Fisher – una síntesis de sus reflexiones e intereses (desde el punto de vista teórico, temático y metodológico); 2) un rescate de sus escritos políticos más importantes, desde (y más allá de) *Realismo Capitalista*, publicado en 2009 y editado en Brasil en 2020. Más que nada, sin embargo, intentaremos presentar 3) una reconstrucción lo más aproximada posible de la

¹ Trabalho apresentado durante a V Jornada de Semiótica e Culturas da Comunicação, realizada pelo GPESC – Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação –, entre 25 e 28 de maio de 2021. Evento online.

noción misma de “comunismo ácido”, que queda sólo esbozada, como quizás la parte más importante de un proyecto inconcluso.

PALABRAS CLAVE: Mark Fisher; comunismo ácido; realismo capitalista.

ABSTRACT:

We will try to formulate here: 1) an introduction to the thinking of the English philosopher and cultural critic Mark Fisher – a comprehensive synthesis of his reflections and interests (from a theoretical, thematic and methodological point of view); 2) a rescue of his most important political writings, since (and beyond) *Capitalist Realism*, launched in 2009 and published in Brazil in 2020. More than anything, however, we will try to present 3) a reconstruction as close as possible to the very notion of “acid communism”, which remained only sketched, as perhaps the most important part of an unfinished project.

KEYWORDS: Mark Fisher; acid communism; capitalist realism.

Submetido em 06 de Junho de 2021

Aceito de 24 de Outubro de 2021

1. Introdução

Quando veio a falecer, em 13 de janeiro de 2017, o filósofo e crítico cultural inglês Mark Fisher trabalhava num livro que se chamaria *Comunismo Ácido: sobre o desejo pós-capitalista*. A intenção era avançar, de forma mais propositiva, em relação a um bloco de questões que haviam sido plantadas em seu livro de estreia, publicado em 2009, o incisivo e surpreendentemente bem-sucedido *Realismo Capitalista* (*Capitalist Realism: is there no alternative?*, Londres: Zero Books)².

As trágicas condições da morte – Fisher tinha 48 anos e enfrentava uma grave crise depressiva –, somadas à repercussão inesgotada do primeiro livro, construíram em torno do conceito de “comunismo ácido” uma grande expectativa, projetaram-no, à época, como um sinal no horizonte, um fértil instrumento teórico, cuja potência, caso se consumasse, viria auxiliar na formulação de saídas para uma crise sócio-política global, sistêmica e sem precedentes.

² A tradução brasileira foi lançada em agosto de 2020 pela editora Autonomia Literária, de São Paulo. E traz o seguinte subtítulo: *É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Essa interrogação, aliás, é um dos principais motores do texto. É importante reparar nela. É uma das questões de fundo às quais o autor se esforçará para responder.

Uma das últimas publicações de Fisher foi justamente a introdução ao livro no qual estava empenhado. Era um esboço, um texto em tom de manifesto, que talvez estivesse formulando – antes de tudo, para ele próprio – o desenho geral da ideia a ser desenvolvida.

Na impossibilidade de acessar o que Fisher tinha em mente, buscamos formular aqui: 1) uma porta de entrada ao pensamento do autor – uma síntese abrangente de suas reflexões, seus interesses e perspectivas de trabalho (do ponto de vista teórico, temático e metodológico); 2) um resgate de seus mais importantes escritos políticos, desde (e para além de) *Realismo Capitalista*; e, mais do que tudo, 3) uma reconstrução tão aproximada quanto possível da noção mesma de “comunismo ácido” – como um balanço crítico, a base de uma especulação mais sistemática a respeito.

Três textos de Mark Fisher irão compor o núcleo de nossa leitura: “Desejo pós-capitalista”, “Sair do Castelo do Vampiro” e – dentre eles, o fundamental – “Comunismo ácido”, publicados respectivamente em 2012, 2013 e 2016, de forma independente – como discussões fechadas em si mesmas, que mantêm uma certa pontualidade e um certo acabamento formal, embora deixem tópicos abertos para retomadas (e reinvestidas) futuras.

Tais publicações apareceram, em ordem: *a)* no livro *What We Are Fighting For: a radical collective manifesto*, organizado por Federico Campagna e Emanuele Campiglio (Londres: Editorial Pluto Press, 2012); *b)* no periódico *The North Star*, em 22 de novembro de 2013; e *c)* no blog K-Punk, que o autor manteve por mais de uma década, até a data em que veio a falecer. Desses escritos, os dois últimos foram incluídos no livro póstumo *K-Punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016)*, lançado em 2018, editado por Darren Ambrose para a editora Repeater.

Esses escritos todos, que aqui tentaremos cercar – numa leitura crítica e tão focada quanto possível –, formam um conjunto coeso porque se remetem mutuamente, repetem e ampliam angulações comuns, estratificadas, produzem suas próprias ênfases e seus encaixes internos. O que resultará daí, como julgamos,

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 3, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27690

é a possibilidade de uma projeção, um convite possível: um modo de acesso ao teor revolucionário e à celebração disruptiva do comunismo ácido³.

2. Desejo pós-capitalista

O texto através do qual iniciamos – “Desejo pós-capitalista” – ocupa um ponto equidistante (não só cronológico, mas também temático) entre *Realismo Capitalista* e o único esboço disponível da ideia de comunismo ácido. A expressão “desejo pós-capitalista”, cabe notar, aparece como o subtítulo do projeto inacabado. Nomeia ainda o curso que Fisher havia iniciado, como professor, em Goldsmiths, na Universidade de Londres, em novembro de 2016, interrompido tragicamente ao início de 2017⁴. Tais atividades acadêmicas funcionariam como um “laboratório” para a testagem de hipóteses, seleção de exemplos e angulações pertinentes, consolidação de argumentos e motivação para a escrita.

Trata-se, portanto – é a nossa hipótese –, de uma peça relevante, capaz de configurar um recorte fértil e sugestivo. Dá a entender que o conceito derradeiro de Mark Fisher já estaria em gestação há pelo menos quatro anos, ou até mais, se considerarmos ainda o modo como esse escrito, embora publicado em 2012, parece vir enraizado em seu livro de estreia, tendo derivado dele, colocando-se como um de seus desdobramentos lógicos. A edição argentina de *Realismo Capitalista* (no caso, com o subtítulo: “*No hay alternativa?*” [Buenos Aires: Caja Negra, 2016]), por exemplo, inclui esse texto num apêndice, dando-lhe representatividade e reconhecendo-o em suas afinidades, sobretudo teóricas e propositivas, com o conjunto original.

³ Com leves adaptações, todo esse trecho de introdução foi utilizado numa apresentação que fizemos do artigo de Jeremy Gilbert, “Socialismo psicodélico” (Gilbert, [2017] 2021), o qual traduzimos para a revista *DasQuestões*.

⁴ Há uma publicação dedicada ao curso e às notas elaboradas para aquela ocasião (Fisher e Colquhoun, 2020). No YouTube é possível encontrar alguns registros e alguns fragmentos desses encontros – no total, foram cinco, um por semana, entre 07 de novembro e 05 de dezembro de 2016. Mergulhar nesses materiais, ter acesso às aulas transcritas, na íntegra, é fundamental para uma compreensão mais abrangente do estágio em que se encontrava, naquele momento, o projeto. É o que procuraremos fazer numa outra oportunidade, ampliando o debate que agora apenas iniciamos.

Partindo de um caso prosaico ocorrido na cena política inglesa – um comentário, em tom de zombaria, a respeito do movimento Occupy London Stock Exchange, feito num programa televisivo da BBC, em 2011, por uma conhecida escritora vinculada ao Partido Conservador⁵ –, Fisher estabelece, de saída, uma distinção taxativa entre ser “anticapitalista” e ser “anarcoprimitivista”. A oposição ao capital, ele sustenta, não implicaria assumir posturas antitecnológicas e antiprodutivistas. Essa associação se dá porque se convencionou admitir, equivocadamente, que o capitalismo detém o monopólio do desejo. Para Fisher, é uma caricatura digna de ser combatida. Esse tema – a economia libidinal⁶ –, aliás, é um tema recorrente, sempre remodulado, atacado por um flanco ou outro, desde *Realismo Capitalista*.

Comunismo ou crítica ao capital não são naturalmente incompatíveis com a tecnologia e o desejo, ele continua, nem mesmo com a experiência do consumo. Seria possível desenvolver uma crítica anticapitalista sem abrir mão da prosperidade, das facilidades e das novidades tecnológicas que hoje temos à nossa disposição. Não haveria nenhum problema nisso.

Muito deflagradas, muito frequentes no senso comum, a má compreensão de que desejo e comunismo seriam incompatíveis estaria presente, ademais, nos textos do filósofo Nick Land, escritos nos anos 1990, na órbita do CCRU, grupo ao qual o próprio Fisher havia se filiado⁷. Os textos de Land, no entanto, mereceriam consideração mais atenta, basicamente, por três motivos:

⁵ Trata-se de uma aparição de Louise Mensch no programa *Have I Got News for You*, da BBC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3252FSW7OC4>.

⁶ *Economia Libidinal* é o título de um livro do filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), ao qual Fisher se reporta inúmeras vezes (Lyotard, 1974). A filosofia continental francesa das décadas de 1960-1980, como vemos, será de extrema valia para o pensamento do autor.

⁷ O *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) foi um grupo de pesquisas lotado junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick (UK), durante a segunda metade da década de 1990. Ali se lançaram as bases da chamada filosofia aceleracionista – ou, pelo menos, de certas tendências do aceleracionismo –, lendo-se alguns textos marxistas (“O fragmento sobre as máquinas”, por exemplo, de 1857-1858 [Marx, 2011]), a partir do pós-estruturalismo francês, com a suposição de que a aceleração dos fluxos desterritorializantes do capital seria o único modo de revolucionar e vencer o sistema capitalista (Avanessian e Reis, 2017). Além de Nick Land, a filósofa Sadie Plant foi uma das principais responsáveis pela coordenação das atividades. Há muita controvérsia a respeito da composição e do funcionamento do grupo.

– Primeiro, *porque expõem os mecanismos sociais de produção semiótico-libidinal como exclusividade do sistema capitalista*. Esse é um ponto ao qual Fisher se opõe. O pós-capitalismo e mesmo um socialismo pós-capitalista, ao contrário das provocações antimarxistas de Land, poderiam (por que não?) lançar mão de outros modos de captura do desejo, deveriam disputá-lo e fortalecê-lo.

– Segundo, *porque Land expõe um certo conservadorismo político, moral e estético presente nos quadros da esquerda*, onde os partidos são muito marcados e muito definidos por intenções revolucionárias, ações centralizadoras, formas parlamentares, expectativas de transcendência e não-alienação, além da rejeição (no mais das vezes, titubeante) à comodidade e ao prazer. Esse seria outro terreno de embates, dentro do qual se deveria agir, buscando espaço e reorientação de forças, advoga Fisher.

– Terceiro, *porque não se pode mais fugir ao reconhecimento da inserção da tecnologia no cerne da vida cotidiana*, com as alterações de processos, modos de percepção, contato e convívio, temporalidades e expressões estéticas que, na atualidade, nos são propiciadas. Para Nick Land, as sucessivas ondas neoliberais, desde Margareth Thatcher e Ronald Reagan, no curso (e para além) da década de 1980, perceberam isso muito claramente, tirando-lhe um melhor proveito.

Ao perscrutar brechas dentre essas posições, reagindo a elas, Fisher sugere rearticular as relações entre tecnologia, desejo e capital. Os exemplos aos quais ele recorre, dando fundamentação à sua perspectiva, são obtidos junto ao operáismo italiano⁸ da década de 1970, tal como protagonizado e concebido por Antônio Negri, Mario Tronti e Franco Berardi. O próprio Land chega a ser definido – quando Fisher

⁸ Vertente do neomarxismo extraparlamentar italiano agrupada em torno da revista *Quaderni Rossi*. “Para dizer em poucas palavras” – num trecho, porém, ainda um tanto quanto extenso para ser utilizado numa nota de rodapé –, “trata-se de um conjunto de trabalhos teóricos e práticas militantes que se desenvolveu na esquerda italiana a partir do fim da década de 1950, conjunto heterogêneo e, por vezes, conflituoso, cuja unidade se dá por um interesse comum, o da análise da composição da classe operária feita a partir do desenvolvimento industrial do país – o chamado ‘Milagre Econômico’. Não apenas desenvolver teorias ou pensamento, os operáistas tinham por objetivo, ao fazer o ‘estudo *real* de uma fábrica *real*’, analisar a relação entre a composição técnica e a composição política da classe trabalhadora no estágio contemporâneo do capitalismo e, com isso, decidir a respeito da organização do movimento e suas lutas” (Fonseca, 2016, p. 145; conferir, ainda, Costa, 2005; Altamira, 2012).

o rebate, conforme as passagens expostas acima – como um operaísta ao contrário, formulador de “um autonomismo invertido”⁹.

Senão vejamos. O neoliberalismo é o sistema político-econômico que nos governa, que há mais de quatro décadas vem se impondo, hegemônico, como modelo de gestão e ordem global. O realismo capitalista seria a rede de valores, formas mentais e estruturas de sentimento que o neoliberalismo produz, e através da qual se alimenta, para poder perpetuar-se. É um campo de contenção ideológica, produção de subjetividade e redução da imaginação e do horizonte políticos. O realismo capitalista seria a moldura cognitiva e experiencial onde operam (sonham, desejam, divertem-se, trabalham e fazem alianças) os atores políticos cujo futuro lhes foi interdito. Para Fisher, o debate decisivo é aquele que nos permitirá transpor o realismo capitalista, trazendo à tona o que existe nele de delírio, enganação, ameaça ao patrimônio público e à saúde psíquica. Seria necessário buscar, em suas palavras, “a construção de uma modernidade alternativa, na qual tecnologia, produção em massa e sistemas impessoais de gestão são implementados como parte de uma esfera pública reformada” (Fisher, 2016b, p. 151 – todas as traduções serão nossas).

O que se pode ainda reconhecer no texto, tanto como traços de um estilo pessoal quanto como demarcações conceituais e antecipação sutil do que adviria, é o manejo de um certo cânone teórico (Land, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Fredric Jameson, Slavoj Žižek, Lacan, os operaístas), a mesma atenção à mídia e ao cotidiano cultural britânicos – o que traz, sem dúvida, uma cor local às discussões, tornando-as, às vezes, segmentadas e dirigidas demais para um leitor estrangeiro –, o mesmo modo de proceder, do ponto de vista metodológico, promovendo retornos

⁹ Em específico, Fisher tem em mente dois textos seminais de Nick Land: “Colapso” (no inglês, “Meltdown”) e “Crítica do miserabilismo transcendental (“Critique of transcendental miserabilism”). O primeiro foi publicado na revista *Abstract Culture*, em 1994; o segundo, em 2007, no site *hyperstition.abstractdynamics.org*. Ambos podem ser encontrados em *Fanged Noumena* (Land, 2011). Não é infrequente nos depararmos com paralelos entre as formulações de Land e Fisher: de um lado, coloca-se o professor excêntrico, um anti-humanista radical, um aceleracionista de direita; de outro, o aluno dedicado, um neo-humanista, um “working class hero”, um aceleracionista de esquerda. Voltaremos a isso, logo em seguida.

(re)qualificativos a períodos históricos já transcorridos, escavando aí alternativas e cenários futuros.

Esse último procedimento, o gesto de destravar “*lost futures*”, redimindo-os – algo da ordem de uma arqueologia retrofuturista –, será importante mais à frente, quando examinarmos o salto e o recorte metodológicos implicados na proposição do comunismo ácido.

3. Sair do Castelo do Vampiro

“Sair do Castelo do Vampiro” talvez seja um dos escritos mais conhecidos – ao mesmo tempo, mais populares e mais impopulares – de Mark Fisher. É inclusive uma de suas últimas postagens no blog K-Punk. A partir daí, as intervenções foram escasseando. De certa forma, é um texto sobre a prática do cancelamento nas redes sociais, um fenômeno emergente nos dias que então corriam. Em razão das posições que assumiu – condenando tais estratégias, enxergando-as como expedientes de *dessocialização*, favoráveis, em última instância, aos adversários que verdadeiramente mereciam ser combatidos –, o próprio autor se viu atingido por um cerco semelhante, uma espécie de “caça às bruxas” no ambiente virtual. Esse não é só o mote do escrito, vale repetir. É também um de seus efeitos concretos, o estopim de uma série de silenciamentos e *feedbacks* negativos que Fisher pôde experimentar.

Reconhecer a novidade do assunto não é, contudo, afirmar seu completo ineditismo. Em três ocasiões anteriores – nas postagens “New Comments Policy”, realizada em 05/09/2004, “Comments Policy (Latest)”, em 10/09/2004, e “We, Dogmatists”, em 17/02/2005 –, Fisher (2018) havia se manifestado, de forma breve e irônica, a respeito das melhores regras de conduta, do sentido produtivo (ou não – do sentido meramente egóico, das demonstrações de ressentimento, fúria e irracionalidade) das respostas que vinha recebendo em seu blog pessoal. “Exiting the Vampire Castle” (“Sair do Castelo do Vampiro”, como traduzimos) é um escrito

mais implicado, mais extenso e mais analítico, como se o debate houvesse adquirido outro estatuto, outra relevância e outra gravidade¹⁰.

Há dois fatores que levam à escrita do artigo: uma série de ataques ao jornalista Owen Jones e uma entrevista televisiva dada pelo comediante Russell Brand¹¹, ambos britânicos. Fisher os defende. Ou melhor: não os defende, mas discorda do tratamento agressivo que haviam recebido, em público, com base em argumentos morais, fundados num identitarismo radical, sem qualquer consideração ao que chama de “solidariedade de classe”. Esse é o centro nervoso do texto. Para ele, os modos burgueses de subjetividade contaminaram o espectro da esquerda, tornando impossíveis outras vias de compreensão, o exercício do diálogo, a hierarquização de prioridades comuns e a resolução de impasses circunstanciais, menos abrangentes, sem exposição e desgastes públicos (isto é, sem consumir o tempo livre, policiar moralmente os pares e gerar dividendos informacionais a partir do [suposto {e quase sempre discutível}] mau comportamento alheio). Nem mesmo formas mais brandas de solidariedade seriam viáveis, ele complementa.

Duas circunstâncias – ou “duas configurações libidinais-discursivas”, como é dito –, teriam nos trazido a essa situação. A primeira é identificada como sendo o “Castelo do Vampiro”. A segunda é o que chama de “neo-anarquismo”. E o que elas querem dizer, mais exatamente? Como compreendê-las?

Imagens góticas e espectrais povoam o pensamento de Mark Fisher¹². O modo como lapida e dá plasticidade a seus conceitos centrais tem muito a ver com isso, com a maneira como interpela, desloca e faz funcionar um conjunto de mitos pregnantes, figuras do inconsciente, o imaginário da ficção científica e das histórias

¹⁰ Num ótimo estudo biobibliográfico, Simon Hammond (2019) define esse episódio como “um ponto de inflexão doloroso”. “O mundo virtual, que havia sido fonte de excitação desde os dias do CCRU, havia proporcionado a Fisher, desde muito tempo, um refúgio e uma arena para seu talento. Contemplar como se convertia numa patologia, e depois sentir-se obrigado a exilar-se dele” – (...) – “deve ter sido algo muito difícil”, comenta Hammond (2019, p. 67-68). E talvez esteja coberto de razão.

¹¹ Fisher se refere a uma entrevista concedida por Brand ao jornalista e apresentador de televisão Jeremy Paxman. Foi veiculada no programa BBC *Newsnight*. Pode ser acessada no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=3YR4CseY9pk>.

¹² Imagens semelhantes, algumas das quais vindas sobretudo da literatura de H.P. Lovecraft, proliferam na filosofia de Nick Land. No caso de Land, outros elementos são agregados: mistérios herméticos, mensagens criptografadas, profecias apocalípticas.

de horror (seja no cinema, seja na literatura ou na música pop). É assim, por exemplo, com “neoliberalismo zumbi”¹³ e “materialismo gorgótico”¹⁴. É assim quando fala em “anomalias temporais”, ao dissertar sobre futuros perdidos. A própria estipulação de uma “espectrologia”, nesses termos (derivando do inglês, *hauntology*), está em efetiva sintonia com tudo isso (Fisher, 2014).

Não há, portanto, nada o que estranhar. “Castelo do Vampiro” é mais uma das imagens terroríficas, carregadas de significado, que tanto agradam Fisher e que figam de imediato seus leitores. É assim que ele aponta a um espaço simbólico de onde se propaga a culpa, onde as pessoas são encurraladas – essa é a definição – “em campos identitários, (...) nos termos estabelecidos pelo poder dominante, prejudicadas pela autoconsciência [que possam ter] e isoladas por uma lógica de solipsismo que insiste em que não podemos nos entender, a menos que pertençamos ao mesmo grupo de identidade” (Fisher, 2018, p. 550).

O realismo capitalista nos acostuma a segmentar demandas, individualizar pautas, nos coloca no rumo de uma nova, cada vez maior e mais determinante singularização. Como consequência, no extremo, é o laço social que se vê dilacerado. Perdemos a capacidade de nos reconhecermos, junto com outros, numa mesma classe de atores sociais precarizados (progressivamente atomizados, postos em desamparo, abandonados à sorte). É um imperativo individualizante. É uma experiência sintomática. O “Castelo do Vampiro” é uma das usinas de força do realismo capitalista.

E Fisher vai além: trata-se de uma “perversão liberal-burguesa” disseminada, capaz de drenar energias e tirar o foco de movimentos macropolíticos, mobilizar um “entendimento liberal de raça e gênero para ofuscar as questões de classe”. O autor chega a localizar cinco “leis gerais” que regulariam o funcionamento do Castelo do Vampiro – quais sejam: 1) individualizar e privatizar tudo; 2) fazer o pensamento e

¹³ Ver “Como matar um zumbi: elaborando estratégias para escapar do neoliberalismo”. Esse texto foi incluído na edição brasileira de *Realismo Capitalista* (Fisher, 2020, p. 142-151; conferir também Fisher, 2018).

¹⁴ “Materialismo gorgótico” é uma das entradas de K-Punk, o blog (Fisher, 2018). Trata do filme *A Paixão de Cristo* (2004), dirigido por Mel Gibson. “Gorgótico”, no caso, refere ao Monte Gólgota, ou Monte Calvário, nas cercanias de Jerusalém, local onde Jesus Cristo teria sido crucificado.

a ação pareceram difíceis; 3) propagar o máximo de culpa possível; 4) essencializar, a todo custo, a todo momento; e 5) ensinar a pensar como um liberal, ensinar a sentir-se como um deles (Fisher, 2018).

O neo-anarquismo, dando continuidade, diz respeito “àqueles que se identificam como anarquistas, mas cujo envolvimento na política se estende pouco além dos protestos e ocupações estudantis e dos comentários no Twitter”, são “esmagadoramente jovens”, têm “uma origem pequeno-burguesa” e preferem “resistir ‘inutilmente’ do que correr o risco de sujar as mãos” (Fisher, 2018).

Como sair disso? Primeiro, reconhecendo que o capital subjugou as demandas de classe. Depois, desconstruindo a esquerda liberal-burguesa e o capitalismo comunicativo através do qual ela se sedimenta. Em seguida, combatendo qualquer tipo de identitarismo essencialista. Por fim, buscando prefigurar identidades menos moldadas pelo capital e revigorar não só as lutas (formais, dentro do Parlamento, dentro da institucionalidade), mas as alternativas reais, a auto-percepção, os vínculos e a consciência de classe.

4. Comunismo ácido

No longo posfácio à edição brasileira de *Realismo Capitalista*¹⁵, Victor Marques e Rodrigo Gonsalves dispõem Nick Land e Mark Fisher num paralelo interessante. Tentam apanhá-los, para fins didáticos, num contraponto.

O aceleracionismo prometeico de Fisher se reencontraria com um humanismo coletivista e experimental. O ser humano, para ele, seria um *meat puppet* – um “boneco de carne”, no jargão do CCRU –, mas poderia se tornar o mestre desse parasita que é o tecno-capital globalizado. O aceleracionismo fáustico de Land, em oposição, seria anti-humanista, de um nihilismo perverso e radicalizado. Nesse registro, o tecno-capital seria o único verdadeiro sujeito da História. “A Humanidade

¹⁵ O título é “Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo” (Marques e Gonsalves *in* Fisher, 2020, p. 163-207). Esse é o texto que citamos aqui mais extensamente.

é seu hospedeiro temporário. Nunca será seu mestre”, teria preconizado Land (Marques e Gonsalves *in* Fisher, 2020, p. 163-207).

É uma justaposição útil e correta. Poderia se acrescentar a ela, no entanto, a impressão de que o eixo divisor entre os dois autores é a leitura que fazem de Friedrich Nietzsche, à esquerda ou à direita¹⁶. O modo como o trabalho de Deleuze e Guattari “rende” para cada um deles também parece justificar tais distinções.

Marques e Gonsalves, além disso, num louvável esforço pedagógico, nos apresentam quatro “fases” do percurso intelectual de Fisher. Essa “periodização” se faz, para nós – quando nos aproximamos da noção de “comunismo ácido” –, especialmente relevante. Então vamos a ela:

Primeira fase – de 2003 a 2005, aproximadamente; é a fase do blog K-Punk, onde os temas, o vocabulário e o estilo são tributários ao CCRU; destacam-se as preocupações com a “experiência-limite”, o “materialismo gótico”, o ciberpunk e o “racionalismo frio”¹⁷; a crítica musical está em primeiro plano; do ponto de vista político, adota uma postura abstencionista.

Segunda fase – de 2005 a 2009, aproximadamente; Fisher se coloca sob a influência da psicanálise, de Fredric Jameson, Slavoj Žižek e do pós-operaiismo italiano (Franco Berardi, sobretudo); é a fase de *Realismo Capitalista*, o livro, com todo seu corpo de conceitos e preocupações, dentre elas, a preocupação com a agência política e com a construção de um novo sujeito coletivo.

Terceira fase – de 2009/2010 a 2014, aproximadamente; está atento às questões políticas concretas, questões organizacionais e programáticas; discute o conceito gramsciano de hegemonia; trabalha e escreve em parceria com o sociólogo

¹⁶ Numa conversa informal, um de meus amigos, professor de filosofia, comentou, lacônico: “Sabemos que Nietzsche não é necessariamente um filósofo de esquerda...”

¹⁷ Em sua tese de doutorado, defendida em Warwick, em 1999, Fisher discorreu longamente sobre a estética ciberpunk, no cinema e na literatura, associando-a ao conceito de “materialismo gótico”, de sua própria lavra (Fisher, 2018). O vislumbre de “experiências-limite” resulta das explorações que fez das filosofias de George Bataille e Maurice Blanchot. “Racionalismo frio”, a seu tempo, é a temática de uma série de postagens onde aspectos dos escritos de William Burroughs e do filósofo holandês Baruch Espinosa foram revisados. Cada uma dessas matérias, obviamente, mereceria um espaço próprio.

Jeremy Gilbert, sob a influência teórica de Stuart Hall; visa novas formas coletivas de ação de classe.

Quarta fase – de 2014 a 2017, aproximadamente; é a fase do “comunismo ácido”, propondo um retorno à contracultura; interessa-se por práticas de “elevação da consciência”, atua em parceria com o coletivo autonomista Plan C¹⁸, sob a influência de Herbert Marcuse, especialmente do livro *Eros e Civilização* ([1955] 1972).

Chama atenção nessa sequência – ainda que seja válida e instrutiva – o desaparecimento de uma fase formativa, anterior a que é indicada, na estipulação de Marques e Gonsalves (*in* Fisher, 2020, p. 163-207), como a primeira: o período de confecção da tese de doutorado, *Flatline Constructs. Gothic materialism and cybernetic theory-fiction*, publicada apenas postumamente (Fisher, 2018). Além disso, há que se ter cuidado com periodizações desse tipo – sempre é bom alertar –, pois tendem a produzir esquematismos e disfarçar continuidades, questões de fundo, mais pesadas e mais lentas, como, por exemplo, o interesse pelas forças hipersticionais¹⁹ do capitalismo tardio e pela dimensão subjetiva (nostálgica, sombria, espectral, psíquica, libidinal ou desejanter) da experiência neoliberal (e de suas negações).

A discussão sobre comunismo ácido, sendo assim, parece fechar um arco: não é um círculo perfeito, mas um ponto de retorno numa curva espiralada, como avaliamos. É difícil não entendê-la como uma retomada, menos como diagnóstico e descrição conjuntural, mais como intervenção teórico-prática, política e terapêutica, no horizonte estagnado e adoecido do realismo capitalista.

...

¹⁸ Consultar: <https://www.weareplanc.org/>

¹⁹ “Hiperstição” é um conceito que atravessa os textos de Fisher, ora mais, ora menos proeminente. É uma forma mental explorada pelo CCRU. É uma categoria que se define num jogo de aproximações e distanciamentos entre as ideias de “hipérbole” e “superstição”, “hiperrealidade”, “simulacro” e “simulação” (ao modo de Jean Baudrillard [1991]). Diz respeito a um processo de retroalimentação da realidade pela ficção, é uma profecia auto-cumprida, um devir-real da ficção (cf. Silveira, 2020).

Exorcizar o “espectro de uma sociedade que poderia ser livre” é uma espécie de refrão em “Comunismo ácido (Introdução inacabada)” (Fisher, 2018, p. 525-538). A expressão, extraída de um trecho do livro *Eros e Civilização*, publicado em 1955 pelo filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse, se encontra na epígrafe do último escrito de Mark Fisher, dá subtítulo à primeira seção do texto e opera também como um mantra, uma verdadeira invocação.

Assim como outros bordões presentes em *Realismo Capitalista* – “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, “não há alternativa” (?) –, “o espectro de uma sociedade que poderia ser livre” se faz recorrente (aparece, no total, seis vezes, ao longo de treze páginas), dando não só o tom geral e as palavras-chave do texto, mas configurando-se como um recurso de didatização e uma estratégia retórica hipersticional, naquilo que tem de ritualística e indutora de mundos possíveis.

Superinterpretando, esse modo de composição dá à formulação o caráter de uma reza – quiçá de uma canção pop – ou um grito de guerra²⁰. O texto, de fato, deixa visíveis as marcas de seu inacabamento: possui uma coloquialidade um tanto quanto incomum, cita referências com notável naturalidade, sem muita sistematização e, ao final – antes, porém, do último parágrafo –, perde coesão, chega a ser rápido e evasivo. É um rascunho. Fica evidente. Mesmo quando reconhecemos o padrão de textualidade do qual se vale Fisher: uma textualidade forjada no ambiente dos blogs, abrindo-se à interação coletiva e às respostas ágeis, explorando uma flexibilidade de formato e complementando-se, eventualmente, pelo compartilhamento de áudios e vídeos em arquivos e plataformas digitais.

²⁰ “Também repercute indireta, mas poderosamente, como uma intimação, como o que alguns teóricos chamam de ‘palavra de ordem’. Para Deleuze e Guattari, a *mot d’ordre* é um comando, uma instrumentalização da linguagem que tem como objetivo preservar ou criar a realidade social (...)”. Essa é uma citação do livro *24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary (2014). Crary, é óbvio, está lapidando o conceito que mais lhe interessa. O modo como caracteriza a sociedade 24/7, no entanto – quando fala num “tempo sem tempo, num tempo sem sequência”, dentre tantos outros aspectos que esmiuça e traz à tona –, é convergente com o modo como Fisher define, em linhas gerais, o realismo capitalista. Além disso, o segundo capítulo do ensaio de Crary pode ser lido como um exercício primoroso de crítica aceleracionista.

“Comunismo ácido”, como dissemos, retorna à obra de Herbert Marcuse (1898-1979)²¹. *Eros e Civilização* se torna uma referência decisiva não só porque estaria em sintonia profunda com a contracultura da transição entre as décadas de 1960-1970, tendo servido de inspiração (e suporte teórico-conceitual) para que florescesse, mas também porque teria antecipado seu fracasso e sua cooptação.

O termo, em si – “comunismo ácido” –, é um termo problemático. Fisher parece admitir isso e escolhê-lo mais por critérios estratégicos, mais em razão da plasticidade do conceito – em nome, talvez, de uma “retórica do choque”, de uma política deliberada da criação epistêmica – e menos em função de sua precisão terminológica.

Mas várias considerações adicionais precisariam ser levadas em conta. “Comunismo ácido”, o conceito, faz vizinhança com outras noções afins, com as quais parece conversar, como se fosse uma tentativa de superá-las, como se viesse lhes dar uma tradução mais fácil e capaz de se espalhar mais velozmente. Vejamos quais são: 1) “socialismo psicodélico”, etiqueta cunhada por Jeremy Gilbert (2017); 2) “corbynismo ácido”, como os apoiadores de Jeremy Corbyn, na corrida interna pela liderança do Partido Trabalhista britânico, ao final de 2015, referiam às próprias propostas e ao programa que os unificava (Gilbert, 2017; Hughes, 2018); 3) “marxismo ácido”, o modo como o psicólogo escocês R. D. Laing (1927-1989), um importante personagem da contracultura britânica da década de 1960, foi descrito num documentário sobre sua vida (Paton, 2015; Gilbert, 2017); e 4) “esquerda *freak*” (ou “*freak left*”), como se usava nomear setores da extrema esquerda norte-americana, tais como o ativista Abbie Hoffman (1936-1989) e a organização

²¹ Formada no âmbito do CCRU, a filósofa Nina Power tem discutido, nos últimos anos, o legado de Herbert Marcuse. Num texto recente (Power, 2018), ela vê similitudes entre os trabalhos de Fisher e do autor alemão. A primeira delas seria uma similitude de método: ambos compartilhariam uma *dialética sombria*, uma “escrita sem esperanças”. Em outras palavras: ambos escrevem como se estivessem diante do inferno, imersos numa “*hellscape*” – no caso de Marcuse, a “catástrofe atômica”; no caso de Fisher, “um mundo sem alternativas”. Além disso, os conceitos que formulam – de uma parte, “sociedade unidimensional”, e, de outra, “realismo capitalista” – são conceitos que dão conta de um mundo sem exterioridade, uma “sociedade sem oposição”.

Weather Underground, também nos anos de passagem para (e durante) a década de 1970²².

Num texto extremamente pessoal, escrito como um tributo à memória viva de Mark Fisher, Jeremy Gilbert (2017) nos dá esses detalhamentos todos, nos dá acesso aos bastidores, assumindo-se como alguém que participou do processo de composição coletiva (e/ou atualização) dessas ideias – a matéria-prima sobre a qual se decidiu investir.

Não se pode esquecer ainda outra nuance: nas últimas aulas que ministrou em Goldsmiths, na Universidade de Londres, Fisher oscilava entre “comunismo ácido” e “pós-capitalismo” – esse último vocábulo sendo considerado atraente, digno de respeito, justamente porque não denotaria uma oposição muito dura, direta e frontal ao capitalismo, mas produziria a ideia de uma continuidade por superação (ou uma superação por continuidade), induziria à compreensão de que o avanço se daria *por dentro, através* do capitalismo, sem necessariamente destruí-lo (Fisher e Colquhoun, 2020).

Seja como for, o “comunismo ácido” seria o espectro adormecido de uma “sociedade que poderia ser livre”. Libertá-lo decorreria de um salto (regressivo) no tempo para revolver o período histórico (os eventos que o conformaram, que lhe deram nitidez, as práticas culturais que melhor o definiram – o “humor”, enfim, do tempo) em que uma utopia esteve muito próxima, na iminência de realizar-se. Assim teriam sido os anos entre 1965 e 1975. Ali se poderia flagrar o *lost future* no qual Fisher aposta, o qual almeja destravar²³.

“Ácido”, já se pode mesmo supor, não remete unidirecional, apologética e exclusivamente, ao consumo de substâncias psicotrópicas, mas a uma lista muito mais extensa e heteróclita de técnicas de “ampliação da consciência”, tais como

²² A título de ilustração, são recomendáveis o documentário *The Weatherman. Terrorismo ou engajamento político* (EUA, 2002, dirigido por Sam Green e Bill Siegel) e o filme de ficção *Os Sete de Chicago* (EUA, 2020, dirigido por Aaron Sorkin), esse último disponível na Netflix.

²³ A perspectiva de Fisher é uma perspectiva anglocentrada. Essa é uma limitação que precisaria ser vencida. É isso que o faz esquecer os “anos de chumbo” no Brasil e – à exceção do Chile – as demais ditaduras militares que ensanguentaram, nesse período, o continente latino-americano. “Filtrá-lo”, descentrar o pensamento do autor, colocando-o num outro patamar de complexidade e visão de mundo é uma tarefa importantíssima, à espera de alguém que possa assumi-la.

reuniões de grupos de apoio e autotransformação coletiva, ioga e técnicas super-terapêuticas – “políticas do *mindfulness*” e afropsicodelia, Gilbert (2017) agrega²⁴.

Uma nova comunalidade, novos formatos de organização e ação políticas precisariam ser depreendidos do espírito da contracultura. Um “socialismo experimental”, não-hierárquico, verdadeiramente libertário, precisaria tomar o lugar outrora ocupado por um “socialismo utópico”, centralizador e burocratizado. Para tanto, estabelecer convergências entre a “consciência de classe”, a elevação da consciência do feminismo socialista, a consciência cosmológica e a consciência psicodélica seria primordial.

5. Considerações finais

Fisher teria se instalado – então, para concluirmos – entre quatro platôs. Isto é: se movimentaria num terreno onde seria possível enxergar quatro subáreas, com suas ecologias particularíssimas, sem contatos tão diretos ou tão fáceis entre si. Ele ganharia, fazendo assim, a perspectiva de atuar entre zonas ou quadrantes. E quais seriam esses quadrantes (ou essas zonas)?

Primeiro: Herbert Marcuse, *Eros e Civilização* e as pulsões desejantes características de uma sociedade hipercapitalista, tecnoinformatizada, 24/7. Tais energias libidinais estariam sendo disputadas pelo realismo capitalista e pelo (virtual) comunismo ácido (a ser construído). Trataria-se de refletir sobre essa disputa, flagrá-la, dando-lhe visibilidade.

Segundo: Ronald D. Laing, David Cooper (1931-1986) e a antipsiquiatria, sobre os quais Fisher já havia escrito – conferir, em *K-Punk*, “Anti-Therapy” (Fisher, 2018) ou, dentre outros, o corajoso artigo “Não prestar para nada”, incluído na edição brasileira de *Realismo Capitalista* (Fisher, 2020) –, assuntos sobre os quais

²⁴ Jeremy Gilbert (2017) descreve um pouco cada uma dessas técnicas. O “*mindfulness*”, por exemplo, seria um tipo de terapia cognitiva baseada em técnicas de meditação praticadas há milhares de anos por monges budistas. Nas últimas décadas, tais técnicas teriam sido adaptadas à prática leiga, apartadas de seu contexto monástico original. Gilbert não vê essa perda de “autenticidade” como algo ruim, a ser lamentado. Ao contrário: vê aí a insinuação de uma demanda, à qual o comunismo ácido poderia atender de modo mais satisfatório. Fisher se encontrava no rastro dessas ideias.

pôde falar numa de suas últimas aulas, dois meses antes de suicidar-se, e que remetiam, por sua vez, num laço de mão dupla, ao terceiro platô (ou terceiro quadrante, terceira zona): a “epifania” de Michel Foucault no Vale da Morte, na Califórnia, em maio de 1975, quando o filósofo francês experimentou LSD pela primeira vez, embarcando numa aventura lisérgica que teria lhe transformado a vida e teria impactado, segundo seus biógrafos, a continuidade do projeto sobre a *História da Sexualidade* (Foucault, 1976). O importante aqui é o “acontecimento-Foucault” – Foucault, no caso, nem tanto como aporte teórico, como teorização a ser incorporada, mas como evento, prefiguração ou sintoma social²⁵.

Por fim, em quarto lugar: as “tecnologias de superação do eu”, as práticas super-terapêuticas e os exercícios de meditação, ioga, cooperação e autotransformação coletivas, coordenados pelo grupo Plan C. Nesta altura, porém, uma ressalva se impõe: não se recorreria a esse repertório de “técnicas de si” – uma expressão, aliás, genuinamente foucaultiana – em razão de seus “usos corretivos”, mas para fomentar, com esse coquetel, a reengenharia do sistema psico-físico e o experimento de um novo indivíduo coletivo.

São quatro campos de exploração teórica, como vemos. São delimitadores autoimpostos, horizontes teórico-temáticos, dentro dos quais a descoberta e a criação político-epistêmica seriam tentadas. Suspeitamos que a discussão sobre o comunismo ácido se resolveria aí – é Jeremy Gilbert (2017) quem nos dá esses

²⁵ No primeiro semestre de 1975, Foucault estava em Berkeley, na Universidade da Califórnia, para uma série de compromissos acadêmicos. Simeon Wade, professor na Claremont Graduate School, uma faculdade próxima, e seu companheiro, o músico Michael Stoneman, entram em contato com ele dizendo que gostariam de conhecê-lo. Há algumas tratativas. Há alguns empecilhos de agenda. Não se sabe, ao certo, a data correta, mas em maio, Wade e Stoneman hospedam Foucault durante um final de semana. Foi nessa oportunidade que decidiram tomar ácido no Vale da Morte (Death Valley), nas cercanias da localidade onde estavam. (O Vale da Morte, é útil pontuar, serviu de locação para o filme *Zabriskie Point*, dirigido por Michelangelo Antonioni, em 1970. O filme se tornou um marco da contracultura norte-americana.) Posteriormente, numa entrevista, Foucault teria definido a experiência como “epifânica” e “reveladora”. Disse que teria afetado seu trabalho. Três biografias autorizadas do filósofo francês mencionam o fato (Eribon, 1989; Macey, 1993; Miller, 1993). Uma delas, a biografia escrita por James Miller (1993), reserva ao acontecido um capítulo específico, um dos mais extensos e detalhados de todo o livro. A experiência lisérgica de Foucault voltou à tona, recentemente, com a publicação de *Foucault in California. A true story – Wherein the great french philosopher drops acid in the Valley of Death*, obra que Simeon Wade escreveu, logo em seguida, colado ao fato, a partir de sua perspectiva pessoal, relatando em pormenores os acontecimentos. Antes de morrer, em 1984, Foucault já havia autorizado que o livro de Wade viesse a público. Wade, no entanto, só autorizou que o livro circulasse quando ele próprio já estivesse falecido. O livro saiu em 2019. Mark Fisher nutria um especial interesse por esse episódio, por suas implicações e seus significados (cf. Borg, 2020; Dean e Zamora, 2021).

subsídios, autorizando-nos a pensar assim –, como resultado de uma imersão nesses universos, tirando-lhes o pulso, mergulhando em suas águas profundas e retornando à superfície, uma vez e outra.

Além disso, no que toca ao planejamento concreto e operacional da proposta, há um marco temporal muito bem definido, compreendendo uma década inteira – entre 1965 e 1975, como dissemos –, com tímidas (ou quase dispensáveis) expansões. Nesse recorte, ganharia atenção prioritária a primeira metade da década de 1970, tendo em vista que nos permitiria observar o fim da contracultura, sua perda de viço, os instantes em que foi capturada. Apreender o que deu errado, as primeiras ocorrências mais dramáticas de sua cooptação – o bloqueio de um projeto de futuro em vias de realizar-se – seria essencial. Seria o compromisso com a (re)ativação de um futuro perdido.

Há também um marco geográfico, contemplando-se EUA e Reino Unido como focos preferenciais de observação, com alguma atenção secundária reservada à Itália (dos operaístas, da rádio Alice, do zine *A/traverso*²⁶) e ao Chile, nos anos da traumática transição Allende-Pinochet, por volta de 1973. O Chile sendo visto como um “laboratório de instalação do neoliberalismo”, numa de suas versões mais brutais e militarizadas, contando com o apoio da CIA.

Por fim, há um marco empírico, obviamente, de objetos concretos e muito circunscritos – tais como as canções “I’m only sleeping”, dos Beatles, “Sunny afternoon”, dos Kinks, “Lazy sunday”, dos Small Faces, “Psychedelic shack”, dos Temptations; tais como *A Hard Day’s Night*, filme dirigido por Richard Lester, em 1964, sobre os “reis do iê-iê-iê”, e *Alice no País das Maravilhas*, uma série televisiva dirigida por Jonathan Miller, exibida pela BBC, em 1966 –, cujo manejo permite testar, atravessar e complexificar os quadrantes teórico-temáticos, aquilo que eles nos oferecem.

²⁶ A rádio Alice foi a primeira e mais conhecida rádio-livre italiana. O zine/revista *A/traverso*, por sua vez, se tornou um ícone do movimento estudantil de Bologna, na metade da década de 1970. Ambos os projetos foram capitaneados por Franco “Bifo” Berardi (cf. Costa, 2005).

Tais objetos, cuja lista seria ampliada, viriam do acervo do modernismo popular – do modernismo *pulp*, como Fisher o chamava –, viriam do repertório da música pop do período escolhido, das séries de televisão e dos produtos cinematográficos desse mesmo espaço-tempo, a serem vistos, ouvidos e analisados do mesmo modo como tantos outros haviam sido vistos, ouvidos e analisados para ilustrar e construir a hipótese conceitual do realismo capitalista.

Os dados foram, enfim, lançados. Um plano de trabalho epistemológico foi deixado pronto. “Comunismo ácido (Introdução inacabada)” pode ser lido como um projeto de pesquisa em vias de amadurecer, esperando para ser colocado em prática. Mark Fisher nos legou, portanto, um dispositivo investigativo aberto, com sua estrutura básica montada, seus primeiros testes feitos. O que nos caberia, a partir de agora, seria dinamizá-lo, fazê-lo funcionar.

Ou, para dizermos de outro modo: num mundo como o nosso, no qual as esperanças desvaneceram, conviria, mais do que nunca, atizar “os espectros de uma sociedade que poderia ser livre”. É esse o convite que herdamos.

Referências bibliográficas

ALTAMIRA, César. Antecedentes políticos do operário: os *Quaderni Rossi*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ. Revista *Lugar Comum* – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, vol. 1, n. 30, jan.-abr. 2012, pp.17-28.

AVANESSIAN, Armen; REIS, Mauro (orgs.). *Aceleracionismo*. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

BORG, Kurt. Foucault on drugs: the personal, the ethical and the political in *Foucault in California*. *Foucault Studies*, no. 28, 142-164, September 2020.

CAMPAGNA, Federico; CAMPLIGLIO, Emanuele (orgs.). *What We Are Fighting For: a radical collective manifesto*. Editorial Pluto Press, London, 2012.

COLQUHOUN, Matt. *Egress: on mourning, melancholy and Mark Fisher*. London: Repeater, 2020.

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 3, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27690

- COSTA, Mauro Sá Rego. Franco Berardi, Bifo. Teoria do Rádio. Mídia e Política. Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Rio de Janeiro / RJ, UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 05 a 09 de setembro de 2005, 09p.
- CRARY, Jonathan. *24/7*. Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DEAN, Mitchell; ZAMORA, Daniel. *The Last Man Takes LSD: Foucault and the end of revolution*. London: Verso, 2021.
- ERIBON, Didier, *Michel Foucault*. London: Faber and Faber, 1991.
- FISHER, Mark. *Capitalist Realism*. Is there no alternative? Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2009.
- _____. *Ghosts of My Life*. Writings on depression, hauntology and lost futures. Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2014.
- _____. *The Weird and the Eerie*. London: Repeater, 2016.
- _____. *Realismo Capitalista*. ¿No hay alternativa? Buenos Aires: Caja Negra, 2016b.
- _____. *Flatline Constructs*. Gothic materialism and cybernetic theory-fiction. New York: Exmilitary, 2018.
- _____. *Realismo Capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FISHER, Mark; AMBROSE, Darren (eds.). *K-Punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016)*. London: Repeater, 2018.
- FISHER, Mark; COLQUHOUN, Matt. *Postcapitalist Desire: the final lectures*. London: Repeater, 2020.
- FONSECA, Thiago Silva Augusto da. “Lênin na Inglaterra”: Mario Tronti e o operaísmo italiano. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, volume 02, número 29, 2016, pág. 144-157.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Sexualité*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- GILBERT, Jeremy. Psychedelic socialism. *OpenDemocracy*, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/psychedelic-socialism>. Consultado em 20 de dezembro de 2019.
- _____. Socialismo psicodélico. *Revista DasQuestões*, Universidade de Brasília / DF, vol. 12, n.1, junho de 2021, p. 97-122.
- HAMMOND, Simon. K-Punk ampliado. *New Left Review* 118 sep./oct., 2019, pp. 43-75.

- HUGHES, Casper. Why Acid Corbynism is the new counterculture we need. London / UK, *The Independent*, 28/02/2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/acid-corbynism-labour-jeremy-corbyn-counterculture-a8231936.html>. Acessado em 29/05/2021.
- LAND, Nick. *Fanged Noumena* – Collected writings 1987-2007. London: Urbanomics, 2011.
- LYOTARD, Jean-François. *Économie Libidinale*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.
- MACEY, David. *The Lives of Michel Foucault*. London: Hutchinson, 1993.
- MACKAY, Robin et al. *The Fisher-Function*. London: Urbanomics, 2017.
- _____. El inhumanismo experimental de Nick Land. In: LAND, Nick. *Fanged Noumena* – Vol. 01. Barcelona: Holobionte, 2019.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MARQUES, Victor; GONSALES, Rodrigo. Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo. In: FISHER, Mark. *Realismo Capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020, prefácio à edição brasileira, p. 163-207.
- MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Rio de Janeiro, São Paulo: Boitempo, Ed. UFRJ, 2011.
- MILLER, James. *The Passion of Michel Foucault*. New York: Simon & Schuster. Nueva York, 1993.
- PATON, Maureen. R. D. Laing: was the counterculture's favourite psychiatrist a dangerous renegade or a true visionary? London / UK, *The Independent*, 30/11/2015. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/rd-laing-was-the-counterculture-s-favourite-psychiatrist-a-dangerous-renegade-or-a-true-visionary-a6755021.html>. Acessado em 06/01/2021.
- POWER, Nina. Sociedade sem oposição: *O Homem Unidimensional* de Marcuse encontra o *Realismo Capitalista* de Mark Fisher". Tradução de Bárbara Santos. Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1 – *Dissonância*: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1.1), p. 22-34, junho de 2018.
- SILVEIRA, Fabrício. *Mecanosfera / Monoambiente*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- WADE, Simeon. *Foucault in California*. A True Story – Wherein the great french philosopher drops acid in the Valley of Death. Berkeley, California: Heyday, 2019.